

a difícil arte de fazer...

(ideal *versus* realidade)

Os jovens Miriam Chandler, Jorge Feferbaun, Jorge Laciana e Jorge Vahedzian trazem o testemunho do início de suas carreiras, das reviravoltas e da aterrissagem ainda não definitiva dentro da profissão.

Para um recém-formado em Arquitetura a perspectiva argentina não é fácil: 27 mil profissionais para um mercado que demanda a décima parte, conforme dados da UIA-União Internacional de Arquitetos. Com a agravante de a construção civil ser um dos setores mais atingidos pela crise econômica. Constrói-se pouco e os concursos, que durante muito tempo foram geradores de trabalho, deixaram de cumprir essa função.

Fechados os caminhos tradicionais, outras alternativas sugeriram para a nova geração, algumas limitadas, mas igualmente válidas: onde entra criatividade, o arquiteto vem atuando. Na entrevista a *Laila Y. Massub*, os arquitetos apontam também a falta de formação prática na Faculdade, a dificuldade de combinar ideal com a realidade, a necessidade de diversificar sua atividade.

1. miriam chandler

(atividades diversificadas)

32 anos, 12 de formada, Miriam seguiu o caminho normal da sua geração. Foi trabalhar num grande escritório para completar a sua formação e adquirir experiência. "Trabalhei com Rodolfo Sorondo e Roberto Frangella, a princípio como desenhista, chegando a ser associada em alguns projetos importantes. Eram épocas mais fáceis — reconhece — e havia muitos concursos."

Assim, ressalta a importância que os concursos tiveram na vida dos grandes escritórios de Arquitetura. "A maior parte dos arquitetos que hoje tem 40 anos iniciou-se através deles. E é preciso reconhecer o papel da Sociedade Central de Arquitetos convocando, julgando os trabalhos e dando os prêmios, sempre com muita seriedade. O que permitiu aos recém-formados e pequenos escritórios

competirem, saírem vencedores, construindo obras de envergadura."

Atualmente, porém, os concursos cada vez mais raros não garantem a execução dos projetos, provocando o desmembramento de muitos estúdios. Assim, Miriam teve que deixar o escritório em que trabalhava e começou a atuar por conta própria. Em 82, ingressou na Revista Summa, de Arquitetura, onde é responsável por uma seção, e mais recentemente acumulou a edição da Summa Universitária. A Revista passou a ocupar a maior parte de seu tempo. Em casa, porém, ela instalou sua prancheta e realiza projetos, reformas e até decorações. Como muitos de seus colegas.

Como ocorreu com Miriam, escrever sobre Arquitetura tornou-se uma alternativa em um mercado retringido: Buenos Aires possui importantes revistas especializadas como a *Summa*, com quatro publicações, *Trama*, *Ambiente*, *Zigma*, e a da Sociedade Central de Arquitetos - SCA. Os jornais Clarín, La Nación, Cronista Comercial e La Razón, por outro lado, abrem consideráveis espaços para a Arquitetura através de seus suplementos semanais.

tempo para refletir

— Como as saídas se reduziram, comenta Miriam, os arquitetos estão-se dedicando mais à teoria e a dar cursos que antes não existiam. Há muita gente escrevendo livros e artigos; há muita pesquisa. Claro, por não existir tanta atividade concreta, sobra-nos tempo para refletir. Daí os Seminários Latino-Americanos onde discutimos o que queremos para nossos países. Estamos esperando o ressurgimento da Argentina, e quando isso ocorrer, não queremos errar. ▶



reforma de uma residência

Arq. Miriam Chandler



Enquanto isso, arquitetos estão sendo redirecionados a outras atividades, ressalta ela: “dirigir obra, trabalhar na indústria da construção, desenhar móveis e objetos e até a fotografia são opções que os atraem. Enfim, estamos usando a criatividade em derivativos, mas sempre procurando acrescentar algo novo.”

“assim que o país estiver melhor a Arquitetura também...”

Atualmente, um grupo de profissionais com “boa mão” para o desenho, como Frangella, Minond, Petrina, estão-se dedicando aos desenhos, perspectivas, croquis com sentido pictórico, expondo seus trabalhos.

— E veja, chamou-me atenção saber que já na Faculdade, entre estudantes, se organizam essas exposições, comenta Miriam. O que me faz pensar que os jovens estão antevendo outra ocupação que não seja apenas construir. Sabem que estão recebendo uma formação criativa, sem vislumbrar, contudo, onde a vão aplicar. Têm consciência de que será preciso tomar outros rumos, e o desenho foi uma opção.

— De certo modo, acrescenta, creio que a nossa profissão deixou de ser o que esperávamos na Faculdade. Hoje, a situação mudou; a maior parte dos trabalhos que nos pedem são de construção, não de Arquitetura.

Mas Miriam é otimista: “quando todo o país estiver melhor, a profissão também estará. E sempre haverá lugar para esse toque imaginativo que a Arquitetura incorpora às nossas cidades”, conclui.

